UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

PROJETO FINAL EM JORNALISMO

GIULIA CALDAS SOARES

MEMÓRIA DE PESQUISA:

MANUAL DE JORNALISMO CIENTÍFICO PARA JOVENS JORNALISTAS

BRASÍLIA

2022

GIULIA CALDAS SOARES

MEMORIAL DO PRODUTO:

MANUAL DE JORNALISMO CIENTÍFICO PARA JOVENS JORNALISTAS

Projeto Final apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da professora Dione Oliveira Moura.

BRASÍLIA

2022

RESUMO

O presente trabalho a seguir tem como objetivo descrever e promover uma reflexão sobre o processo de produção de um projeto experimental do tipo Produto de Comunicação como requisito parcial para conclusão de curso de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O *Manual de Jornalismo Científico para Jovens Jornalistas* busca ampliar o conhecimento de jovens jornalistas sobre o jornalismo científico por normalmente não ser ensinado aos estudantes durante a graduação. O propósito principal é qualificar esses futuros profissionais em uma área que necessita de atenção, ressaltando a importância do jornalista estar capacitado para avaliar criticamente as informações científicas que recebe. O produto foi construído a partir de referências teóricas e entrevistas com profissionais.

Palavras-chave: Jornalismo científico, manual, ciência, comunicação, jornalismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esboço da ilustração e paleta de cores…….23

Figura 2 - Resultado da capa do produto……..24

Figura 3 - Primeira página do manual……..25

Figura 4 - Sumário da publicação…….26

Figura 5 - Primeiro capítulo do conteúdo…….27

Figura 6 – Última parte do conteúdo, com dicas dos jornalistas entrevistados……28

Sumário

1. Introdução…… 5

1.1 Pesquisa e objetivos …… 7

1.2 Justificativa …… 7

2. Referencial teórico……9

2.1 O que é jornalismo científico?.....9

2.2 As funções do jornalismo científico……11

2.3 As dificuldades do jornalismo científico……14

3. Procedimentos metodológicos……17

3.1 Etapas da pesquisa……..17

3.1.1 Pesquisa bibliográfica……..17

3.1.2 Entrevistas……18

3.1.3 Produção do material……...20

3.1.4 Diagramação do material……21

4. Resultados……22

5. Conclusão……30

6. Referências……...32

7. Apêndices……34

1. Introdução

Em março de 2020, os governantes das cidades brasileiras determinaram medidas restritivas para frear o contágio de SARS-CoV-2, decretado como pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 13 do mesmo mês. Houve cancelamento de aulas em escolas e faculdades, dispensa de funcionários do trabalho presencial e fechamento de atividades consideradas "não essenciais". A pandemia por covid-19 representou um dos maiores desafios sanitários em escala mundial deste século (AQUINO, 2020).

Em paralelo, houve o aumento do número de notícias relacionadas ao tema na mídia. Reportagens sobre o número de casos, a quantidade de mortes, o desenrolar da produção de uma vacina eficaz e, posteriormente, informações mais concretas sobre esses imunizantes foram veiculados, diariamente, nas TVs, rádios, jornais e portais de notícias. Dessa forma, o contato de profissionais do *hard news* com o jornalismo de ciência foi inevitável, porque todas as informações publicadas precisavam de embasamento científico e fontes especializadas na área.

Além disso, a mídia se tornou um importante espaço para desmentir notícias falsas relacionadas à doença, difundidas com ampla facilidade nas redes sociais. É importante destacar que a quantidade de notícias a serem produzidas nesses temas se tornaram responsabilidade não apenas dos jornalistas especializados em saúde e ciência, mas também de profissionais de outras editorias, como cidades e educação.

Nesse sentido, constatou-se uma dificuldade dos jornalistas de entenderem a ciência, que pode ser complexa e exigir tempo para a apuração. Antes de publicar uma reportagem com informações científicas, é preciso que haja compreensão das informações com clareza. Porém, os profissionais tendem a demonstrar desconhecimento sobre o tema (BERTOLLI, 2006).

Essa falta de assimilação, muitas vezes, faz com que a mídia reproduza acriticamente o que lhes é dito por quem eles acreditam ser autoridade científica. Também é comum que os jornalistas considerem a ciência indubitável. Entretanto, pode sim ser questionável e o papel dos profissionais é apurar para que informações equivocadas não sejam publicadas.

Esse desconhecimento dos jornalistas não é por falta de vontade. No Brasil, são poucas as faculdades que oferecem uma disciplina voltada para o ensino de jornalismo científico na graduação (BERTOLLI, 2006). Mais raros ainda são os profissionais qualificados nesse setor. Sem contato nenhum com a especialidade no âmbito da graduação, os poucos estudantes que se interessam em se capacitar nesta área devem buscar cursos fora do ambiente acadêmico. No mercado de trabalho, a rotina de uma redação, principalmente no jornalismo on-line, não é justa com o tempo necessário para a apuração de uma matéria que envolve ciência.

Bertolli (2006) destaca que, além disso, as empresas de comunicação comumente contratam jornalistas novatos e com pouca ou nenhuma experiência no setor para produzir reportagens centradas no jornalismo científico. Assim, a cobertura jornalística na editoria de ciência é feita por profissionais, muitas vezes, despreparados.

Ao partir do princípio que o jornalismo tem um efeito maior do que informar a população sem consequências práticas e amplas (JANES E MARQUES, 2013), o papel que os profissionais de comunicação desempenharam durante a pandemia de covid-19 foi essencial para a contenção do vírus no país. O erro é prejudicial à profissão em uma circunstância normal, em que o jornal deve publicar uma retratação ao constatar o equívoco, porém se multiplica em um contexto que o jornalismo possui a capacidade de salvar vidas.

Dessa forma, o *Manual de Jornalismo Científico para Jovens Jornalistas* visa capacitar estudantes de graduação e recém-formados na área de jornalismo científico, com o objetivo de ajudar a melhorar a cobertura de ciência no país. O intuito é fazer com que esses jornalistas não trabalhem apenas como tradutores do conteúdo de estudos e artigos científicos, sendo porta-vozes de pesquisadores e suas buscas por grandes descobertas, mas profissionais capazes de discutir e contextualizar os resultados da ciência.

Além disso, o aprimoramento da formação do jornalista científico no âmbito universitário é imprescindível por a ciência ser um importante instrumento para o desenvolvimento das sociedades (MIGLIACCIO, 2003). A importância desses profissionais não acabará com o fim da pandemia. Ao contrário disso, é preciso que as redações se atentem à contratação de jornalistas capacitados na especialidade de ciência, porque essa necessidade continuará acontecendo. Por exemplo, entramos em um momento em que as mudanças climáticas estão cada vez mais perceptíveis e esse tipo de pauta necessita de embasamento científico. Por conta disso, há uma necessidade de melhorar a qualidade e a quantidade dos conteúdos que contenham informações científicas.

1.1 Pesquisa e objetivos

Pergunta de pesquisa

Como sensibilizar jovens jornalistas para a cobertura científica?

Objetivos gerais

Colocar estudantes da graduação em jornalismo e recém-formados em contato com a área de jornalismo científico.

Objetivos específicos

- Produzir um manual de jornalismo científico para o público de estudantes de graduação e recém-formados;
- Promover o jornalismo científico como uma especialidade que deve ser levada em consideração no país;
- Sensibilizar estudantes de graduação em relação à importância de uma cobertura de qualidade em domínio de ciência;
- Contribuir para o aumento do número de comunicadores especializados na cobertura de ciência no Brasil.

1.2 Justificativa

O estudo foi motivado, principalmente, pela insatisfação pessoal com a cobertura jornalística sobre a pandemia de covid-19. A mídia tem um efeito maior do que apenas informar a população sem consequências práticas e amplas: possui capacidade de influenciar a opinião popular. A partir desse princípio, a cobertura da pandemia me levou a um estado de inquietação. O que é veiculado é de extrema importância em crises sanitárias e emergências de saúde por ter o poder de proteger as pessoas e salvar vidas.

Os descuidos cometidos por esses profissionais na área de jornalismo científico podem ser criticados, mas esse não é o objetivo do produto. A proposta de fazer uma análise de conteúdo, em que as críticas seriam o principal objeto de estudo, não me agradou. Considero que o trabalho que os jornalistas brasileiros fizeram durante a pandemia foi essencial, ainda

mais levando em consideração que a situação poderia ter sido bem mais catastrófica se os veículos de comunicação não tivessem se unido com um propósito em comum: combater a pandemia de desinformação. Em uma cobertura inédita para a nossa geração, os profissionais conseguiram trabalhar em condições degradantes, muitas vezes, colocaram em risco a própria saúde para entregar informação de qualidade ao público.

Ao entrevistar repórteres que, antes da pandemia, nunca precisaram ler um artigo científico para escrever uma reportagem para ser publicada no mesmo dia e aprenderam isso "na marra", percebi que o não faltou a esses profissionais força de vontade, mas capacitação em uma área que nunca tiveram contato. Esse trabalho surge como uma resposta a esse problema. O objetivo principal do produto é colocar estudantes, que estão em treinamento para o mercado de trabalho, em contato com a área de jornalismo científico, para estarem preparados para coberturas como essa. Com o manual, o propósito é ensiná-los como melhorar a cobertura de ciência e aumentar o número de profissionais capacitados nessa área no Brasil.

A ideia de fazer um manual de jornalismo científico destinado aos jovens profissionais da notícia veio, justamente, pela ausência de outros produtos similares. O conteúdo reúne informações introdutórias que os jornalistas precisam saber para começar na cobertura de ciência em um só lugar. O texto é caracterizado por uma linguagem inteligível, o que facilita a leitura e torna o produto mais acessível para os estudantes.

A motivação para sustentar o projeto consiste na importância do tema para o jornalismo e, consequentemente, para a sociedade. Além disso, a inexistência de trabalhos acadêmicos atualizados baseados em experiências profissionais justifica o produto do ponto de vista acadêmico. Aprofundar o conhecimento sobre a cobertura jornalística de ciência, com perspectivas práticas, foi o principal intuito deste trabalho.

O memorial é dividido entre referencial teórico, com argumentos e sustentações acadêmicas importantes para o projeto que destacam a importância do tema; procedimentos metodológicos, em que se relata, na primeira pessoa do singular, as fases do trabalho e como foi realizá-lo; e resultados, em que é apresentado um resumo dos capítulos do manual e figuras demonstrativas para entendê-lo.

2. Referencial teórico

Este capítulo dedica-se a analisar as definições de jornalismo científico propostas por Bueno (1985), Bertolli (2006) e Fioravanti (2013). O objetivo é apresentar os conceitos sobre o tema, principalmente quais são as diferenças entre jornalismo científico e divulgação científica. Além disso, apresenta como a especialidade é feita no contexto brasileiro e como melhorar.

O referencial destaca quais são as principais funções do jornalismo científico e porquê é importante para a sociedade. Para isso, serão analisados alguns conceitos cruciais para o entendimento do papel do jornalismo sobre ciência no contexto brasileiro, no qual existe pouca cultura científica na população. Durante a pandemia, a ciência passou a fazer parte do cotidiano dos jornalistas e ampliou as discussões sobre a importância de uma cobertura científica de qualidade nos veículos de comunicação.

Para finalizar, a seção dedica-se a analisar quais são os principais percalços para os jornalistas de ciência no Brasil. Para isso, foram consideradas ideias sobre a importância da formação acadêmica desses profissionais no país, que atualmente ainda é de inacessível; a necessidade de contato e diálogo com fontes especializadas e o relacionamento entre jornalistas e cientistas; a percepção do próprio profissional sobre o seu papel e a confusão entre jornalismo e divulgação científica; e, por fim, o impacto que o imediatismo da área digital tem na qualidade da informação prestada.

2.1 O que é jornalismo científico?

É possível conceituar jornalismo científico como: "*processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividade (públicos/receptores) por meio de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos)*" (MELO, 1982, *apud* BUENO, 1985).

Jornalismo científico é, em primeiro lugar, jornalismo, o que faz com que seu compromisso seja com seu público, não com a ciência ou os cientistas (COSTA, 2010). Isso também significa que se utiliza de alguns parâmetros que tipificam o jornalismo como a periodicidade, a atualidade e a difusão. Como gênero, o jornalismo científico atua, em

princípio, em conformidade com os procedimentos rotineiros de qualquer outra expressão do meio. *"O contato com as fontes, a obtenção e checagem das informações e a formatação do texto noticioso, com o emprego de um vocabulário de fácil compreensão são algumas das tarefas requeridas do jornalista, qualquer que seja a especialidade."* (BERTOLLI, 2006, p. 03).

Essas características delimitam o que se entende, segundo Bertolli (2006, p.03), como jornalismo científico: *"um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por um texto fluido, de leitura simples e fácil compreensão do conteúdo noticioso por parte de um público não especializado."*.

É importante ressaltar a conceituação, porque, muitas vezes, confunde-se jornalismo científico com divulgação científica. Porém, essa especialidade não se limita somente à divulgação acrítica da ciência e os jornalistas não são meros reprodutores (ou tradutores) do discurso científico. Para além disso, ao profissional se reserva o direito de contextualizar ou mesmo questionar e é exatamente isso que diferencia o jornalismo científico de comunicação em ciência. Não se trata apenas de ouvir os pesquisadores e levar para o texto tudo o que dizem como verdade absoluta e universal, mas de interrogar e até duvidar do conteúdo.

> "Na cobertura de economia, por exemplo, em que conhecimentos específicos são vistos como requisito profissional, os jornalistas não se constrangem em duvidar de versões e buscar, com seu trabalho, estabelecer uma outra versão, que é útil e confiável por apresentar pontos de vista contraditórios. Mas, no que tange ao jornalismo científico, a posição que os homens contemporâneos dão à ciência – orgulho da civilização ocidental, tida como a mais bem-acabada, bem-sucedida e promissora obra da razão humana – impõe uma menoridade ao jornalista e a todos os que, perante ela, chamam-se 'leigos'." (TEIXEIRA, 2002, p.135)

Além disso, não há conclusões simples no incerto mundo da ciência (FIORAVANTI, 2013). Visões simplistas, que focam apenas nas grandes descobertas e pontos positivos, são chamadas pelo autor como o "Enfoque Clássico" do jornalismo científico. Esse é o que predomina no Brasil.Uma característica comum é que as conclusões dos cientistas geralmente são apresentadas como verdades inquestionáveis. *"Esse tipo de jornalismo está focado em resultados positivos, centra-se no cientista tomado individualmente e considera a ciência como um processo linear, pacífico e previsível."* (p. 320).

Segundo Fioravanti, essa estratégia funciona, mas precisa de alguns ajustes. O autor sugere o emprego de um "Enfoque Ampliado", que combina estratégias de jornalistas e

publicações de maior prestígio, além da observação atenta do método científico. Para o autor, o bom jornalismo científico não busca admirar as conquistas e descobertas científicas, em que os profissionais apenas ouvirão sem questionamentos os pesquisadores ao contarem sobre seus trabalhos.

> "O Enfoque Ampliado implica mudanças sutis, mas relevantes, no modo habitual de lidar com a ciência. Os artigos científicos, o ponto de partida mais comum para as notícias de ciência, poderiam ser vistos como base para bons relatos, como se faz com regularidade na *Nature, Science, The New York Times* e outras publicações de primeira linha, não como justificativa para as matérias. Enquanto o Enfoque Clássico privilegia o episódico (*hot news*) sobre qualquer possibilidade de debate sobre as implicações das descobertas científicas, o Enfoque Ampliado valoriza a possibilidade de promover debates a partir de notícias do momento." (FIORAVANTI, 2013, p. 321).

Nesse sentido, a perspectiva do Enfoque Ampliado busca saber qual foi o método científico usado e como chegaram a tais conclusões. Durante a apuração, é imprescindível buscar informações sobre a fonte de financiamento da pesquisa e em qual revista científica foi publicada, para saber se é confiável ou não (existem plataformas predatórias, que cobram para publicar o estudo e não exigem revisão por pares). Também é importante ouvir o que outros pesquisadores têm a dizer e apresentar outro ponto de vista no texto – obviamente, sem dar espaço aos negacionistas. Ao seguir essas orientações, é possível identificar o que deve ser pauta e o que não deve entrar no jornal.

O jornalismo científico deve ir além da divulgação simplista da ciência e deixar para trás o chamado 'Enfoque Clássico'. O 'Enfoque Ampliado' permite que as notícias sobre ciência estejam de acordo com as notícias de política, por exemplo, em que o principal foco de trabalho do repórter é a apuração precisa e texto claro. Mas, não se trata de apenas lutar pela ampliação da cultura científica no Brasil, incutir no público uma apreciação por ciência por o que ela proporciona à sociedade, também é sobre fazê-los compreender as informações científicas e aproximá-los de atividades que estão mais incluídas no cotidiano do que imaginam.

2.2 As funções do jornalismo científico

O sociólogo Ulrich Beck (1992) foi um dos responsáveis pela elaboração do conceito de "sociedade do risco", que diz como as pessoas revisam suas atitudes e comportamentos influenciadas por informações científicas ou conhecimento de aspectos da vida social. Essa

teoria, citada por Janes e Marques (2012), leva à reflexão sobre o papel da mídia na saúde, porque a interlocução do campo da saúde com a sociedade depende, em grande parte, dos veículos de comunicação. Os autores destacam que o jornalismo possui a capacidade de atuar como o "fio condutor" na sociedade do risco ao levar ao coletivo o entendimento pleno sobre quais riscos estão está expostos e como se posicionar para evitá-los, reduzi-los e preveni-los. Fatores como a qualidade da informação prestada, a forma e o momento em que a notícia é veiculada pode produzir significados variados, em que concorrem para o esclarecimento pleno da sociedade e a mobilização popular em uma escala positiva ou para a confusão e o alarmismo reativo em uma escala negativa.

> "A mídia exerce nesse contexto um papel de fundamental importância, seja na difusão de orientações e informações de interesse coletivo, em relação a procedimentos sanitários básicos, seja na formação da opinião pública quanto à promoção da saúde como um direito do cidadão" (JANES, MARQUES, 2012, p. 1206).

Durante a pandemia de covid-19, por exemplo, o jornalismo profissional se tornou uma importante peça no combate ao risco (o vírus), lutou também contra a epidemia de desinformação que assolou todo o mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Outro grande risco que ganhou espaço na mídia e continuará em pauta são as mudanças climáticas, que também exigirá dos jornalistas um conhecimento sobre ciência para um esclarecimento pleno sobre o tema. Para Oliveira (2006), está nas mãos dos jornalistas boa parcela das possibilidades de tratar da saúde, de julgar e de ensinar a população. São responsabilidades cruciais para a formação da consciência e do desenvolvimento de uma sociedade.

Em uma outra esfera, o jornalismo científico contribui para uma visão mais clara do mundo social por se contrapor aos aspectos característicos de uma cultura pouco desenvolvida no Brasil (OLIVEIRA, 2006). As crenças e superstições que ainda contaminam a população brasileira impedem que as pessoas localizem com clareza as causas verdadeiras e os efeitos dos problemas que enfrentam cotidianamente (ou podem vir a enfrentar). Por isso, é importante que essa cobertura demonstre que a ciência é, acima de tudo, uma atividade humana, com implicações diretas e indiretas nas atividades socioeconômicas de um país.

Além disso, a falta de cultura científica no Brasil causa o afastamento da população em decisões que os afetam. Para Oliveira (2006), a mais perversa consequência da falta de

educação e de informação é a incapacidade de poder opinar ou decidir sobre coisas que podem afetar a vida individual, comunitária e até de toda uma nação. As decisões políticas sobre grandes programas científicos, que podem custar milhões de reais pagos pelos contribuintes, passam por votação pelos congressistas escolhidos pela própria população. Contudo, quem se dá conta disso? O jornalismo científico engajado pode ser a solução para esse problema e entra em cena como agente facilitador na construção da cidadania.

Sendo assim, o papel do jornalismo científico é de esclarecer a sociedade e aproximar a ciência: diminuir a distância entre os dois. Além disso, funciona como um meio da própria comunidade científica prestar contas à sociedade, os financiadores de grande parte das pesquisas. A abordagem de um jornalismo de ciência voltado mais para educar e informar do que celebrar e enaltecer a ciência brasileira pode contribuir, também, para a formação de profissionais mais críticos e questionadores (OLIVEIRA, 2006).

Para Wilson da Costa Bueno (1985), a especialidade cumpre algumas funções básicas: 1. informativa; 2. educativa; 3. social; 4. cultural; e, 5. econômica. A função informativa se trata da divulgação de fatos e informações de natureza científica e tecnológica, o que permite ao cidadão inteirar-se das novas descobertas da ciência e de suas implicações políticas, econômicas e sócio-culturais. A função educativa se volta à responsabilidade de contribuir com a formação da opinião pública por o jornalista atuar como "tradutor" da ciência (mas não se limita a esse papel).

> "O jornalismo científico deve estar atento para o fato de que, em muitos casos, ele se constitui na única fonte popular de informações sobre ciência e tecnologia. Num país como o nosso, caracterizado pelo ensino precário e desatualizado de ciências, passa a ser a única forma pela qual os cidadãos tomam contato com a atividade e os produtos de cientistas. Daí, a responsabilidade do profissional que exerce a função de informar, formar e conscientizar o público sobre as questões e repercussões da ciência." (BUENO, 1985 p. 1425).

A função social manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica a um contexto amplo. O jornalista não atua apenas como tradutor. Deve estar atento ao processo de humanização entre a ciência (e os cientistas) e a sociedade. Essa aproximação faz com que as pessoas entendam que da mesma forma que estão presentes na ciência, também podem encontrar-se nela. Por isso, é importante que os jornalistas tenham uma visão crítica da ciência, porque ao mesmo tempo que a ciência pode ser extremamente útil à humanidade, também pode não satisfazê-la.

A função cultural do jornalismo científico, segundo o autor, é sobre não limitar essa área apenas à transmissão de informações sobre ciência, uma vez que esta também pode representar uma forma de dominação cultural e, portanto, deve estar permanentemente sob suspeita. Para cumprir a função, o jornalista deve possuir uma visão crítica e trabalhar em prol da preservação e bem-estar da sociedade. A ciência não é perfeita e pode criar problemas reais à humanidade como, por exemplo, os agentes químicos (agrotóxicos) utilizados na agricultura e a difusão da energia nuclear.

A função econômica diz respeito à relação entre o desenvolvimento da ciência e o setor produtivo, visto que a introdução de novas tecnologias pode representar para as empresas ganhos significativos de produtividade e ser decisiva para sua sobrevivência, além de aumentar a competitividade no mercado. Para Bueno (1985), o jornalismo científico trabalha para a difusão dessas informações, porque o espaço na mídia pode apresentar a uma pessoa de negócios novas tecnologias, equipamentos e processos de produção úteis para a economia. No caso de países subdesenvolvidos, a difusão de informações do tipo podem servir para conscientizar acerca da importância de se investir em ciência, aumentar o intercâmbio entre os centros de pesquisa e o setor produtivo.

Sendo assim, o jornalismo científico existe para aproximar a ciência do mundo tangível. O objetivo não é unificar a mensagem complexa da ciência e a mensagem simplista para o público geral – mas sim, torná-la mais relevante e compreensível para um público leigo (MIRANDA, 2014).

2.3 As dificuldades do jornalismo científico

Nas análises sobre o panorama do jornalismo científico no Brasil, os especialistas indicam que há insatisfação com a produção das mídias atualmente. É um consenso a necessidade de se dar atenção à formação dos profissionais, especialmente os mais jovens (TEIXEIRA, 2002). É um senso comum o pressuposto de que jornalistas bem capacitados produzirão reportagens melhores, porque farão entrevistas melhores e terão conhecimentos mais amplos sobre o assunto.

> "Na prática do ensino universitário, os professores comprovam que a capacidade dos alunos para fazer perguntas concretas, precisas e carregadas de sentido aumenta à medida que avança o nível das informações que lhes são transmitidas. Isso significa que a capacidade de perguntar aumenta à medida que se sabe mais, quer dizer, perguntar é a faculdade do que sabe." (MIGLIACCIO, 2003).

Um jornalista com formação na área tem mais probabilidade para desconfiar e mostrar o contraditório se conhecer bem sobre os pressupostos da cobertura de ciência, como se conhece sobre economia e política, porém falta especialização em nível acadêmico para essa área no Brasil. É durante a graduação que os futuros jornalistas têm a melhor chance de aprender sobre o assunto e sua relevância, mas são poucas as faculdades que oferecem uma disciplina voltada para o ensino de jornalismo científico na graduação e, consequentemente, são raros os profissionais qualificados nesse setor (BERTOLLI, 2006).

Por isso, é urgente o aprimoramento da formação do jornalista científico no âmbito universitário por levar-se em consideração que é exigido, cada vez mais, um alto nível de conhecimento e profissionalização para o desempenho da atividade. Isso porque o profissional tem responsabilidades éticas (MIGLIACCIO, 2003). Ter a competência adequada à categoria da missão que se propõe é extremamente importante.

A autora destaca que isso é justificável pelas seguintes razões: as realizações científicas e tecnológicas são instrumentos para o desenvolvimento; há uma necessidade ostensiva de sistematizar, aumentar e melhorar qualitativa e quantitativamente o volume e os conteúdos da informação especializada que chega ao público; o acontecimento científico forma parte do patrimônio universal da cultura, que o jornalista deve enriquecer mediante a transmissão, em forma mais adequada possível, das notícias científicas em toda a amplitude que o termo científico abrange.

Além da falta de formação acadêmica na área, o jornalista científico esbarra em dificuldades como o difícil acesso às fontes, pois as entidades e a própria comunidade científica, de modo geral, ainda não levam em conta o papel estratégico que a comunicação com o público representa (OLIVEIRA, 2006). É importante destacar que é difícil para o jornalista dominar todos os campos da ciência. Também é grande a responsabilidade do profissional de comunicação de traduzir os conhecimentos e achados científicos, materiais muitas vezes complexos, para uma linguagem mais acessível. Por mais que o jornalista exerça um papel fundamental na interface entre ciência e sociedade, não é o único responsável. Os cientistas, que são usados como fontes nas matérias, devem compreender de forma clara que a democratização do conhecimento científico depende de suas colaborações (CALDAS, 1998). Em suma, o jornalismo científico requer um trabalho colaborativo, mas complexo, entre jornalistas, revistas, financiadores, universidades e, acima de tudo, os que fazem ciência (MIRANDA, 2014).

Além disso, os jornalistas brasileiros consideram que seu papel é informar e traduzir material complexo para uma linguagem mais simples (MASSARANI, BAUER, AMORIM, 2013, p. 125). Um número pequeno vê, como sua principal função, vigiar e assegurar o interesse do público. Isso demonstra que um jornalismo de ciência mais crítico ainda pode ser considerado raridade no país. Além disso, os profissionais que cobrem ciência no Brasil são, no geral, entusiastas desta área. Os autores destacam que, refletindo uma tendência de outros países, esses profissionais atuam mais como porta-vozes e refletem ideias de periódicos científicos.

Porém, as relações entre ciência e sociedade, permeadas por uma rede complexa de interesses e compromissos, exigem uma nova postura, mais comprometida com uma perspectiva crítica do processo de produção e divulgação. Bueno (2010) explica que a produção de ciência deixou de ser preocupação exclusiva dos cientistas e que a sua divulgação deve estar respaldada em pressupostos e atributos que extrapolam a comunicação científica, e em particular o jornalismo científico, tradicional. Isso porque a ciência também pode estar pautada em interesses de um grupo e os jornalistas precisam estar atentos a isso. O autor dá alguns exemplos de quando a ciência não se conciliou com o bem-estar humano:

> "Empresas do setor farmacêutico são condenadas, nos EUA, a pagar multa de milhões de dólares por terem constituído um cartel poderoso no segmento das vitaminas. A indústria tabagista é denunciada pela cumplicidade com cientistas, subvencionados para realizar e divulgar pesquisas com o objetivo de manipular a opinião pública e diminuir a pressão contra os fabricantes de cigarros. Os alimentos transgênicos enfrentam resistência de entidades de defesa do consumidor e ambientalistas e são objeto de um debate acalorado na comunidade científica, dividida entre os seus benefícios e prejuízos." (BUENO, 2010, p. 168).

O autor também destaca que não é sobre os jornalistas terem um confronto com a comunidade científica ou com patrocinadores/produtores da ciência. A adoção dessa nova postura resgata o caráter pedagógico-crítico do jornalismo científico. Isso evita que os profissionais de comunicação estejam, sem conhecimento, a serviço de interesses.

Esse "acriticismo" do jornalismo científico pode ser justificado pela maneira como as matérias sobre ciência são apuradas. Os principais meios de veiculação dessas notícias são a mídia impressa e a internet (MASSARANI, BAUER, 2013). No caso da produção digital, a aceleração dos fluxos de apuração, redação e publicação das notícias pode afetar a qualidade do conteúdo sobre ciência. Portanto, as rotinas das redações estão cada vez mais rápidas e os profissionais se veem em uma constante pressão. Equilibrar o imediatismo potenciado pela

internet e o rigor do processo de produção e verificação dos fatos é um desafio para os jornalistas, que possuem menos tempo para rever os conteúdos, produzir os textos e aprofundar apurações.

Essa rotina, que é comum para a maioria dos assuntos, tem um peso maior quando o assunto é ciência. Isso porque o tempo da ciência não é o mesmo que o do jornalismo. A ciência não é sempre "exata", ou seja, está em um processo constante. Além disso, é necessário tempo para ler e interpretar um artigo científico e mais tempo ainda para poder entrevistar especialistas sobre o assunto.

> "Os repórteres dependem dos recursos que têm ao seu dispor. Muitos não podem ir mais longe do que adaptar (ou mesmo publicar) comunicados de imprensa, poucos têm acesso aos artigos científicos para além dos resumos – e menos ainda são os que recolhem depoimentos dos autores." (MIRANDA, 2014, p. 289).

O imediatismo tem, desta forma, impacto na qualidade do apuramento e confirmação da informação que dão origem a incertezas, especulações e notícias com informações menos verdadeiras. Santos (2018) destaca que a necessidade de publicações imediatas faz do jornalista um "difusor de notícias instantâneas e mal apuradas". O jornalismo on-line se destaca como canal de credibilidade duvidosa, devido às notícias publicadas que passam por constantes alterações, correções e se apresentam com novas versões (ASSUMPÇÃO, 2016, p.775).

Das dificuldades do jornalismo científico mostradas, a falta de especialização acadêmica é o que esse produto pretende atenuar. É claro, que ainda há muito trabalho pela frente, porém o importante é abrir os olhos da nova geração de jornalistas em formação para a importância da ciência. E, é justamente na universidade que se pode dar início à visão crítica da ciência e de seus processos (OLIVEIRA, 2006).

3. Procedimentos metodológicos

A linguagem agora será alterada para a primeira pessoa do singular. A intenção é contar, de maneira pessoal, como foi a metodologia utilizada para a realização do trabalho.

3.1 Etapas da pesquisa

3.1.1 Pesquisa bibliográfica

Nesta etapa foi feita a leitura de livros, artigos e teses sobre jornalismo científico para a coleta de bibliografia, que serviram como um guia para a realização do projeto. Também foi o momento para a captação de bons exemplos de jornalismo científico, usados como exemplos para fins didáticos no manual.

Dado o grande volume de trabalhos sobre o tema, foi realizado um processo de seleção dos materiais a serem utilizados na produção do referencial teórico e do próprio manual. Ao final, foram revisados 12 itens, entre artigos, livros e monografias. A seção da literatura obedeceu os seguintes critérios:

Na construção do produto final, foram selecionados manuais de redação de caráter generalista, como o da *Folha de S. Paulo* (2021), na medida em que tratava de temas úteis para o conteúdo do capítulo sobre a linguagem utilizada nas reportagens. Também realizou-se a leitura do livro *Como escrever bem,* de William Zinsser (2021), que me influenciou bastante, principalmente no uso da coloquialidade que eu aderi no manual. Além disso, realizei a leitura de outros manuais de jornalismo científico, como o *Manual de Edição em Jornalismo Científico do KSJ MIT.*

Durante os três meses de produção do trabalho, a fase de pesquisas teve que continuar, porque eu sempre precisava de alguma informação a mais que completasse o conteúdo do manual. Vídeos, podcasts, reportagens, artigos científicos, etc.. Em todas as fases do meu trabalho, segui em busca de referências para o enriquecimento do conteúdo.

3.1.2 Entrevistas

Nesta etapa, realizei entrevistas (Apêndice A) por e-mail com jornalistas e comunicadores científicos. Foram selecionados jornalistas que atuam cobrindo ciência há mais de cinco anos. Alguns conheci o trabalho por meio de um curso de jornalismo científico que fiz em 2021, outro me foi apresentado em uma palestra há dois semestres e o restante acompanhando as publicações pelo *LinkedIn*. Esses profissionais me auxiliaram na missão de construir o manual baseado em experiências práticas com dicas úteis para quem quer iniciar na área. São eles:

André Biernath	Jornalista de ciência e saúde. Atualmente, trabalha como repórter da *BBC News Brasil,* em Londres. Antes, atuou durante 10 anos como repórter especial na *Veja Saúde*, da Editora Abril. É formado em jornalismo pela

	PUC-SP e pós-graduado em comunicação e mídias digitais pela ESPM. É um dos fundadores e foi o primeiro presidente eleito da Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência. Participou de mais de 100 congressos científicos nacionais e internacionais e ganhou mais de cinco prêmios de jornalismo, incluindo o 'Mais Admirado Jornalista de Saúde do Brasil 2021', oferecido por Jornalistas & Cia e Hospital Israelita Albert Einstein.
Bruno Vaiano	Jornalista e divulgador de ciência. Formado pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, tem passagens como estagiário pela *Galileu* e como *trainee* pela *Folha de S. Paulo*. Foi repórter e editor-assistente da revista *Superinteressante*, da Editora Abril, e hoje trabalha no Instituto Questão de Ciência (IQC) implantando o Observatório de Políticas Científicas em parceria com o Instituto Serrapilheira.
Luiza Caires	Jornalista e mestre em Comunicação pela USP. É editora de ciências do *Jornal da USP* e faz divulgação científica de maneira independente nas redes sociais. É também produtora da *newsletter* sobre ciências *Polígono*, projeto do Núcleo Jornalismo com apoio do Instituto Serrapilheira.
Mariana Varella	Cientista social e jornalista de saúde, é editora-chefe do *Portal Drauzio Varella*, colunista do *VivaBem* e aluna de pós-graduação da Faculdade de Saúde Pública da USP.

Tentei direcionar perguntas específicas para cada profissional e levei em consideração aspectos de suas próprias experiências. Por exemplo, se um jornalista é conhecido por textos descontraídos sobre ciência, eu perguntava algo nesse sentido, valorizei um ponto forte do trabalho que desenvolve. Destaco que as entrevistas não são a base do trabalho, mas foram importantes para o enriquecimento do conteúdo, além de terem dado uma boa noção do que é válido ou não na prática do jornalismo científico.

Depois do recebimento das primeiras respostas por e-mail, percebi que poderia ser mais útil se algumas das entrevistas fossem realizadas por chamada de vídeo. Porém, o semestre estava em um ponto mais avançado, então só consegui conversar dessa maneira com dois jornalistas. Realmente foi mais produtivo, mas trabalhoso, porque os quase 50 minutos de entrevista demandaram um certo tempo para a transcrição. Por outro lado, foi útil ter feito um esboço do conteúdo antes, pois o manual ficou com as informações que eu selecionei e escrevi sozinha a partir das minhas próprias pesquisas, sem me deixar influenciar completamente pelas conversas.

3.1.3 Produção do material

A produção do conteúdo iniciou-se em fevereiro. Mesmo antes de ter todas as respostas das entrevistas, comecei a escrever os capítulos do manual baseado no material teórico recolhido na fase de pesquisa. Separei um arquivo de *word* para cada capítulo do manual e, no primeiro momento, incluí todas as referências recolhidas. Nessa etapa, montei um cronograma pessoal (Apêndice C), que foi útil para observar todas as fases do trabalho e quanto tempo levaria para cada uma.

Desde o início, a ideia era afastar o texto da linguagem acadêmica. Assim, tentei sempre usar a linguagem mais descomplicada possível. Além disso, incluí alguns elementos coloquiais no texto, com a intenção de estabelecer uma relação de diálogo com o leitor. Essas tentativas de aproximação têm o objetivo de mostrar que também sou uma jovem jornalista e estou em fase de aprendizagem.

Na prática, alguns capítulos demoraram mais para ficarem prontos, como o: *Entendendo a Ciência*, que exigiu pesquisas e perguntas para os entrevistados até o último dia de produção. No primeiro parágrafo, alerto os leitores sobre como compreender ciência é difícil, brinquei que precisei descansar e tomar um café algumas vezes para conseguir escrevê-lo. A maioria do conhecimento que repassei havia acabado de aprender. Estudei sobre valor-p na disciplina ‘Comunicação e Sociedade’, mas nunca pensei que ia ter que escrever (e ensinar!) sobre isso.

Procurei, em todos os capítulos, destacar experiências dos entrevistados para complementar o conteúdo teórico. Também adicionei, sempre que possível, bons exemplos de jornalismo científico, com *links* para reportagens de veículos como *BBC* e *Superinteressante*. Para a revisão, contei com a ajuda da minha amiga Lorena Fraga, que me auxiliou na edição

do texto. Além disso, o meu co-orientador, Fábio Pereira, ajudou-me a identificar o que podia ser cortado e o que deveria ser adicionado ao conteúdo do manual.

Ao final, o conteúdo teve 50 páginas e o resultado de todos os capítulos é detalhado abaixo.

3.1.4 Diagramação do material

A diagramação do material foi feita por mim na plataforma de design gráfico *Canva*, mais intuitiva e fácil de mexer do que os programas Adobe, além de cumprir com êxito o que eu pretendia para o manual. Essa etapa me exigiu a aplicação de conhecimentos gráficos e visuais que tive contato na graduação durante as aulas das professoras Célia Matsunaga e Suzana Guedes.

Para a capa do manual, encomendei uma ilustração com o desenhista e *designer* Cleyton Santos (que também me ajudou na diagramação do material). O artista definiu a paleta de cores do manual (Fig. 1). Apenas o informei que queria roxo, associada à sabedoria e criatividade na teoria das cores. O resultado da ilustração pode ser vista abaixo (Fig. 2).

O Cleyton também me ajudou a definir a tipografia utilizada no conteúdo, que varia entre Montserrat 12, para o texto, e Montserrat Classic 28, para os títulos. Nas partes do conteúdo que eu quis destacar para chamar atenção, usei o negrito. Nos *links* que tem ao longo do texto, direcionando a exemplos e a outros conteúdos, utilizei a cor roxa sublinhada para diferenciar.

O alinhamento da página foi de 2 até 16 e meio na régua da plataforma *Canva*. A decisão de deixar o texto mais afastado do limite da página no lado direito foi para acrescentar uma coluna roxa, que adicionou um detalhe visual para quebrar o padrão totalmente branco (Fig. 3). No canto esquerdo está uma coluna um pouco mais curta (Fig. 4). Também adicionei o símbolo de um átomo como a 'marca' do manual no início de cada página. O padrão foi utilizado em todas as laudas seguintes do manual, só diferenciando o lado.

Eu me considero uma melhor repórter do que *designer*, mas, devido à falta de orçamento (Apêndice D), precisei fazer sozinha a diagramação. Por isso, essa parte foi especialmente desafiadora, porque foi necessário pensar em maneiras visuais de quebrar o texto e tornar o manual o menos blocado possível. Adicionei quadros e tabelas para cumprir com esse objetivo. Nos anexos abaixo, é possível ver alguns exemplos. Minha referência

visual para a diagramação do manual foram as publicações do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), local em que estagiei durante dois anos.

4. Resultados

Cada capítulo tem uma dinâmica diferente. Alguns são textos corridos, com duas ou três participações de jornalistas, outros são completamente baseados na experiência dos profissionais entrevistados. O *'O que é jornalismo científico'* destaca as diferenças entre a especialidade com a divulgação científica, além da importância de os jornalistas terem conhecimento sobre ciência. Foi o primeiro finalizado, pois o conteúdo é basicamente o que estava no referencial teórico, apenas com a mudança na linguagem. A pergunta: *"qual a importância do jornalista, independente da editoria, compreender a ciência?"*, que fiz nas entrevistas, foi importante para este capítulo.

O segundo capítulo, *'Entendendo a ciência'*, é o mais extenso e foi difícil de escrever. Nesse precisei de ajuda dos entrevistados, que me alertaram sobre aspectos da comunidade científica e o que é importante saber acerca dessa área para realizar uma boa cobertura.

O terceiro, *'Como ler artigos científicos'*, era para estar dentro do segundo capítulo. Porém, resolvi dedicar um rápido e simples capítulo só para isso, uma vez que é um conhecimento extremamente importante para jornalistas. É uma parte puramente descritiva e demonstrativa. A partir de um exemplo de artigo científico, que entrou no manual em forma de *print screen,* eu descrevi o que podemos encontrar em cada parte da publicação.

O quarto capítulo, *'Linguagem do jornalismo científico'*, é praticamente um manual de redação. Aproveitei as dicas que os jornalistas entrevistados deram sobre como transformar a ciência em uma reportagem atrativa para o público. É um destaque para boas práticas em jornalismo científico e tem um subtítulo específico sobre o que evitar.

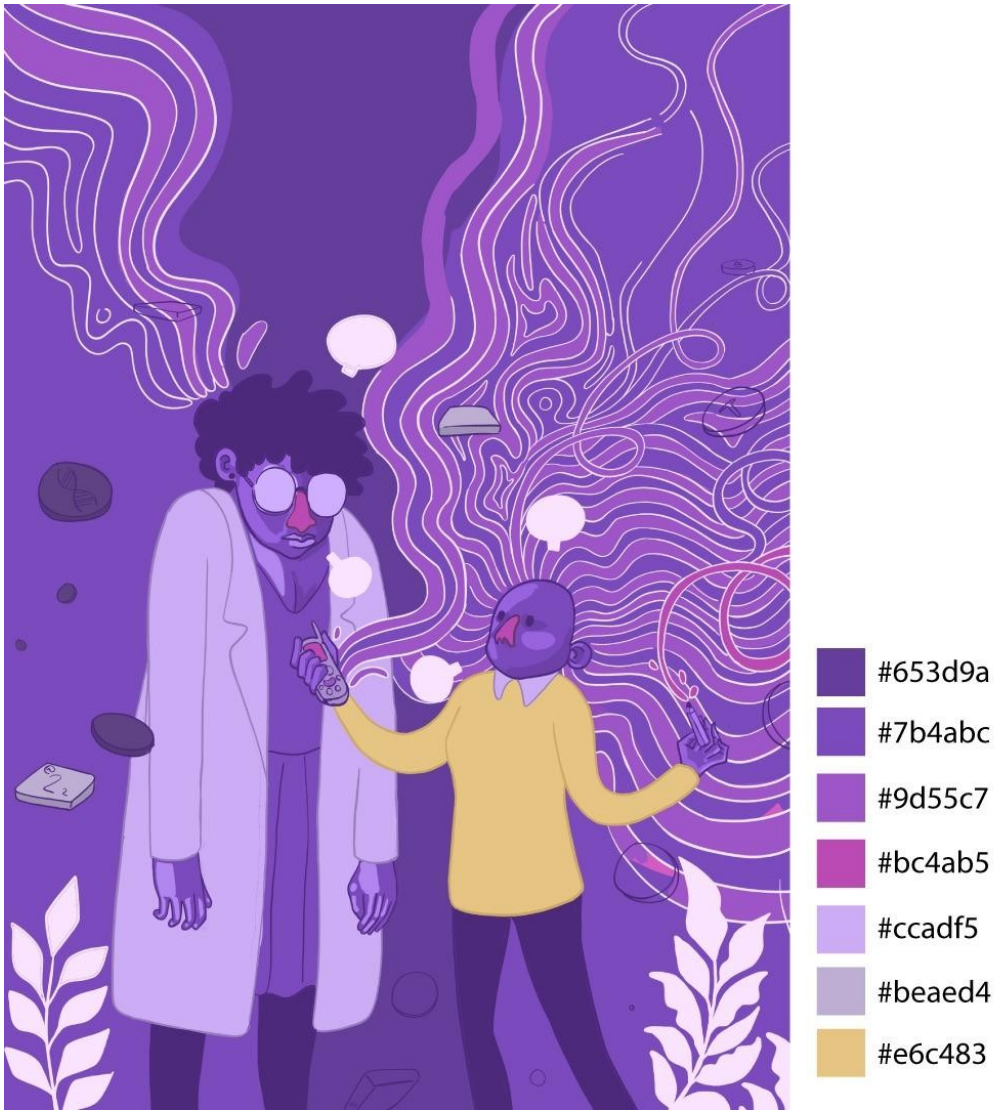
O *'Escolha das fontes'* foi definido, por mim, como o mais importante de todos. Todos os entrevistados alertaram sobre como fontes especializadas são essenciais para a construção de bons textos. A seção apresenta algumas dicas necessárias para encontrar boas fontes na comunidade científica. Além disso, tem um subtítulo com informações do que fazer na hora da entrevista.

No capítulo *'O dia a dia na redação'*, escrevi sobre a rotina dos profissionais da área. Como eu disse no texto: *"cada um é cada um".*Definimos individualmente qual a melhor rotina para nós mesmos. Mesmo assim, é interessante saber como é o cotidiano de quem é experiente na cobertura e refletir sobre quais práticas podemos incorporar para nosso próprio dia a dia. Esse capítulo é, praticamente, um resumo do que foi destacado nas seções anteriores, porém em forma de passo a passo. Para finalizar, foram separadas duas páginas e meia para as dicas finais dos jornalistas entrevistados. O momento também foi oportuno para uma apresentação dos profissionais, com fotos e um minicurrículo de cada um.

O resultado é uma publicação em formato de PDF com 50 páginas. A fundamentação teórica mostra que a ciência, e consequentemente a cobertura dela, não é de fácil compreensão. Em um curto manual, produto de trabalho de conclusão de curso em jornalismo, não seria possível explicá-la. Justamente por isso, o capítulo *'Escolha das Fontes'* foi definido como o mais importante de todos, porque os especialistas da comunidade científica são os principais meios para a obtenção de informações concretas e específicas.

O produto cumpre com a missão de ser uma iniciação de estudantes da graduação e jornalistas recém-formados na cobertura de ciência. Ao final, é previsto que os leitores aprendam aspectos e detalhes fundamentais do mundo da ciência e do jornalismo científico.

Figura 1 – Esboço da ilustração e paleta de cores.



Fonte: Compilação do autor, 2022.

Figura 2 – Resultado da capa do produto.

Fonte: Compilação do autor.

Figura 3 – Primeira página do manual.

Universidade de Brasília

O trabalho a seguir é um projeto experimental do tipo Produto de Comunicação para Conclusão de Curso em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Autora
Giulia Caldas Soares

Orientação
Dione Oliveira Moura
Fábio Pereira

Edição
Lorena Fraga

Ilustração de capa
Cleyton Santos

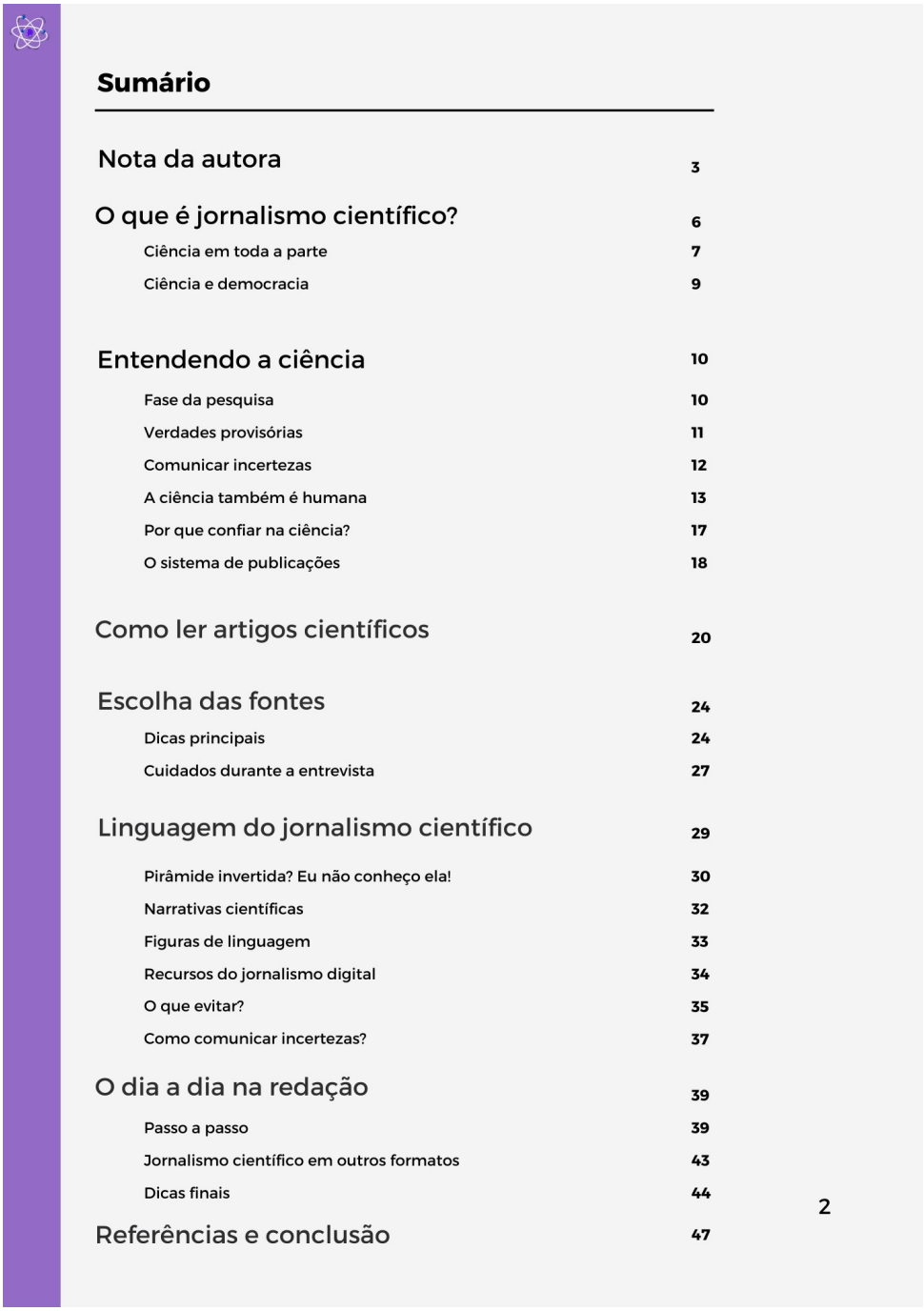
Diagramação
Giulia Caldas Soares

Referência Bibliográfica:
CALDAS, Giulia. Manual de Jornalismo Científico para Jovens Jornalistas. Universidade de Brasília. 2022.

Os textos contidos neste documento poderão ser reproduzidos, armazenados ou transmitidos, desde que citada a fonte.

Fonte: Compilação do autor.

Figura 4 – Sumário da publicação.



Sumário

Nota da autora 3

O que é jornalismo científico? 6
- Ciência em toda a parte 7
- Ciência e democracia 9

Entendendo a ciência 10
- Fase da pesquisa 10
- Verdades provisórias 11
- Comunicar incertezas 12
- A ciência também é humana 13
- Por que confiar na ciência? 17
- O sistema de publicações 18

Como ler artigos científicos 20

Escolha das fontes 24
- Dicas principais 24
- Cuidados durante a entrevista 27

Linguagem do jornalismo científico 29
- Pirâmide invertida? Eu não conheço ela! 30
- Narrativas científicas 32
- Figuras de linguagem 33
- Recursos do jornalismo digital 34
- O que evitar? 35
- Como comunicar incertezas? 37

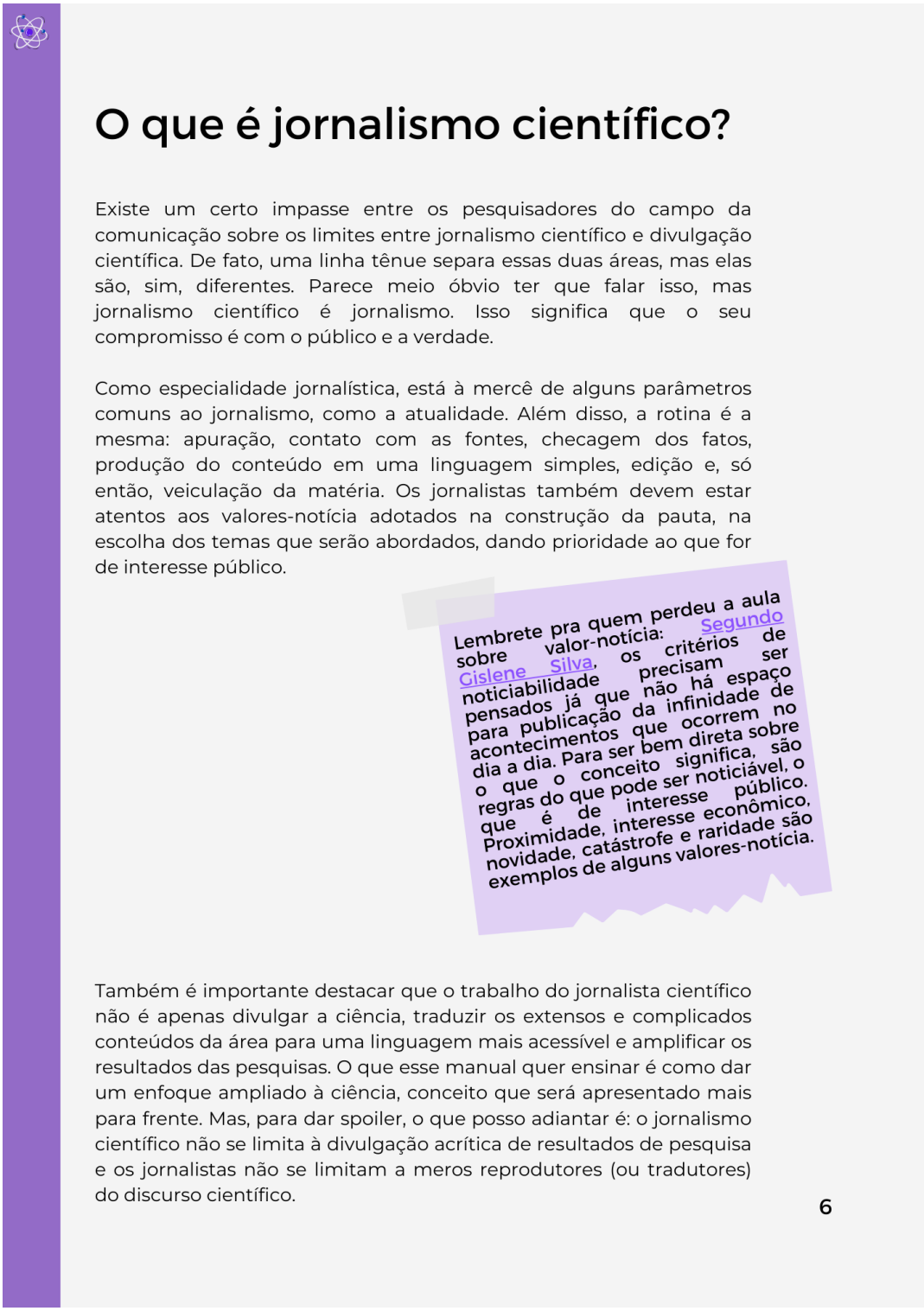
O dia a dia na redação 39
- Passo a passo 39
- Jornalismo científico em outros formatos 43
- Dicas finais 44

Referências e conclusão 47

2

Fonte: Compilação do autor.

Figura 5 – Primeiro capítulo do conteúdo.



O que é jornalismo científico?

Existe um certo impasse entre os pesquisadores do campo da comunicação sobre os limites entre jornalismo científico e divulgação científica. De fato, uma linha tênue separa essas duas áreas, mas elas são, sim, diferentes. Parece meio óbvio ter que falar isso, mas jornalismo científico é jornalismo. Isso significa que o seu compromisso é com o público e a verdade.

Como especialidade jornalística, está à mercê de alguns parâmetros comuns ao jornalismo, como a atualidade. Além disso, a rotina é a mesma: apuração, contato com as fontes, checagem dos fatos, produção do conteúdo em uma linguagem simples, edição e, só então, veiculação da matéria. Os jornalistas também devem estar atentos aos valores-notícia adotados na construção da pauta, na escolha dos temas que serão abordados, dando prioridade ao que for de interesse público.

Lembrete pra quem perdeu a aula sobre valor-notícia: Segundo Gislene Silva, os critérios de noticiabilidade precisam ser pensados já que não há espaço para publicação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia a dia. Para ser bem direta sobre o que o conceito significa, são regras do que pode ser noticiável, o que é de interesse público. Proximidade, interesse econômico, novidade, catástrofe e raridade são exemplos de alguns valores-notícia.

Também é importante destacar que o trabalho do jornalista científico não é apenas divulgar a ciência, traduzir os extensos e complicados conteúdos da área para uma linguagem mais acessível e amplificar os resultados das pesquisas. O que esse manual quer ensinar é como dar um enfoque ampliado à ciência, conceito que será apresentado mais para frente. Mas, para dar spoiler, o que posso adiantar é: o jornalismo científico não se limita à divulgação acrítica de resultados de pesquisa e os jornalistas não se limitam a meros reprodutores (ou tradutores) do discurso científico.

6

Fonte: Compilação do autor.

Figura 6 – Última parte do conteúdo, com dicas dos jornalistas entrevistados.

"Além de conhecer a ciência, você precisa conhecer as especificidades da área sobre a qual vai escrever. Então é muito importante entender o que é ciência e como ela funciona, além de se cercar de especialistas para compreender a área e escutar essas pessoas. Se puder se especializar, melhor. O trabalho de conhecer bem uma área leva anos. São anos de dedicação, de cursos, especializações... Então, se o jornalista tiver condições de se dedicar e se especializar na área que vai atuar, melhor. E isso vale para economia, política, educação, ciência..."

– Mariana Varella

Cientista Social e Editora-Chefe do Portal Drauzio Varella, Mariana Varella é pós-graduanda da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Recentemente, a jornalista conquistou o Prêmio Einstein + Admirados da Imprensa, sendo eleita a Melhor Colunista de Saúde e Bem-Estar do país.

"Apesar da imagem que temos do cientista como um personagem solitário e desinteressado, não podemos esquecer das dimensões política e social da ciência. O conhecimento científico não é indiferente aos interesses de quem financia a ciência (o que inclui o Estado), de quem produz ciência e de como será feito o processo de transferência dos resultados das pesquisas para o setor produtivo e para a sociedade de modo geral. Conhecer e explicar essas dinâmicas no jornalismo científico é fundamental não só na hora de produzir uma reportagem mais bem contextualizada, mas para que, ao final, o público tenha condições de participar de forma mais direta do processo científico"

– Fábio Pereira

Fábio Henrique Pereira é professor associado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É membro da Rede Trabalho e Identidade no Jornalismo (Retij). Atua nas áreas de sociologia profissional dos jornalistas, pesquisa qualitativa em mídia e jornalismo e relações entre mídia e intelectuais.

46

Fonte: Compilação do autor.

5. Conclusão

Ao levar em consideração que, atualmente, existe uma dificuldade na formação de jornalistas capacitados para cobrir ciência, o *Manual de Jornalismo Científico para Jovens Jornalistas* tem como objetivo principal ser um conteúdo acessível e de fácil compreensão para a preparação de estudantes da graduação e profissionais recém-formados.

A pergunta de pesquisa surgiu no período de pandemia, em que foi observado um despreparo dos jornalistas brasileiros para cobrir temas que envolviam a ciência, como o funcionamento das vacinas e a necessidade de distanciamento social. Com isso, houve a ideia de fazer um produto que auxiliasse na capacitação de estudantes (e futuros jornalistas) na cobertura de ciência.

A pesquisa teórica entendeu que, mesmo com o fim da pandemia, os profissionais da comunicação que entendam ciência serão continuamente requisitados nas redações dos grandes jornais brasileiros. Assim, esse conteúdo visa aumentar a quantidade de jornalistas capacitados na cobertura científica no país, com o intuito de diminuir os erros, descuidos e equívocos em notícias que envolvem ciência. Entende-se que esse produto atua como uma iniciação de estudantes na especialidade do jornalismo científico.

Todos os capítulos foram construídos com o auxílio de profissionais que atuam na área há mais de cinco anos. Os jornalistas foram a chave para que o aprendizado seja mais prático do que propriamente teórico. Isso é importante para que as dicas sejam aplicadas pelos estudantes que estagiam em redações, que irão ganhar experiência na cobertura científica e podem se interessar na área em seus futuros como jornalistas. Porém, as entrevistas não são a base do trabalho, servem como complemento ao conteúdo. A maioria do aprendizado (que, posteriormente, foi repassado no manual) veio a partir de pesquisas teóricas e referências bibliográficas.

O manual possui temáticas inerentes à introdução de jovens jornalistas na cobertura científica. O conteúdo atua como uma “porta de entrada” do público-alvo no jornalismo de ciência no Brasil e desperta o interesse que estes vejam a área como uma possibilidade para a atuar no mercado de trabalho.

Como o intuito era ser uma maneira de iniciação dos leitores na área, o resultado final do produto é basilar. Em um primeiro contato, os conteúdos não foram apresentados de forma extremamente aprofundada, visto que cada capítulo contém no máximo cinco páginas. Além

disso, o trabalho foi escrito em um período de três meses, o que impossibilitou o refinamento do conteúdo. As entrevistas foram realizadas com apenas quatro profissionais da área e isso afastou o texto de relatos das experiências práticas.

Para próximos trabalhos seguindo essa mesma premissa e metodologia, uma ideia é realizar entrevistas com mais jornalistas que cobrem ciência. É interessante construir um conteúdo que contenha uma narrativa baseada em experiências práticas. Também é essencial que o pesquisador se atente ao tempo. O ideal é um prazo maior para a conclusão do trabalho para se aprimorar o material.

6. Referências

AQUINO, E. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 1, p. 2423-2446, 2020.

ASSUMPÇÃO, D. Reinvenção do jornalismo: tecnologia mudando a forma de produzir e fazer jornalismo. **8º SOPCOM Comunicação Global**, Cultura e Tecnologia, p. 773-779, 2016.

BERTOLLI, C. Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação.** 2006.

BUENO, W. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e cultura**, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, 1985.

BUENO, W. Jornalismo científico, lobby e poder. **Parcerias Estratégicas**, v. 6, n. 13, p. 168-200, 2010.

DE OLIVEIRA, F. Jornalismo científico. São Paulo: **Editora Contexto**, 2006.

FIORAVANTI, C. H. Um enfoque mais amplo para o Jornalismo Científico. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 36, p. 315-332, 2013.

FRANÇA, E., ABREU, D., SIQUEIRA, M. Epidemia de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Caderno de Saúde Pública**, v.20, n.5, p.1334-41, 2004.

JANES, M., MARQUES, M.C. A contribuição da comunicação para a saúde: estudo de comunicação de risco via rádio na grande São Paulo. **Saúde e Sociedade,** v.22, p. 1205-1215, 2013.

SANTOS, M. I. **O Imediatismo como valor notícia no jornalismo online–Estudo de caso da RTP Notícias.** Tese de Doutorado em Jornalismo e Comunicação. Universidade de Coimbra. 2018.

MASSARANI, L., BAUER, M., AMORIM. L. Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova "onda" no jornalismo científico no Brasil? **Comunicação & Sociedade**, v. 35, p. 111-129, 2013.

MASSARANI, L., NEVES, L. F., SILVA, C. Excesso e alta velocidade das informações científicas: impactos da COVID-19 no trabalho de jornalistas. **E-Compós.** 2021.

MIGLIACCIO, I. **O desafio constante do jornalismo científico – tarefa de poucos para muitos.** Disponível em http://www.hottopos.com/videtur4/ines.htm. Acesso em 18/04/2022.

MIRANDA, D. Os desafios ao jornalismo científico de qualidade. **Acta Médica Portuguesa Revista Científica da Ordem dos Médicos,** Portugal, v. 26, n. 3, p. 289-290, 2013.

TARGINO, M. G. Comunicação científica na sociedade tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão. **Comunicação e sociedade**, v. 31, p. 70-98, 1999.

TEIXEIRA, M. Pressupostos do jornalismo de ciência tal como é praticado no Brasil e suas repercussões no modo da cobertura. **Parcerias Estratégicas**, n.13. p. 323-329, 2001.

WOLF, M. Teorias da comunicação de massa. São Paulo: **Martins Fontes**, 2003.

7. Apêndices

Apêndice A - Perguntas para a entrevista

1 - Qual a sua dica para a hora de escrever sobre ciência, um assunto que pode muitas vezes ser complicado? Como a linguagem que usamos pode ajudar o público a entender melhor o assunto e qual a sua estratégia para isso?

2 - Qual o seu processo para construir suas reportagens? Você segue alguma rotina durante a apuração?

3 - Qual a importância do jornalista, independente da editoria, compreender a ciência?

4 - Na sua visão, quais são as maiores dificuldades da cobertura de ciência?

5 - Qual(is) dica(s) você daria para os jovens jornalistas que estão começando na cobertura de ciência?

6 - Além das dicas, você daria algum alerta para quem está interessado em trabalhar com jornalismo científico?

Apêndice B - Cronograma geral

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PESQUISA					
PRODUÇÃO					
ENTREVISTAS					
REVISÃO					
DIAGRAMAÇÃO					
ENTREGA FINAL					

Apêndice C - Cronograma detalhado

RESUMO +

ESTRUTURA DE TÓPICOS

FEVEREIRO

MARÇO

ABRIL

MAIO

MARÇO

Segunda-feira (28)	Terça-feira (01)	Quarta-feira (02)	Quinta-feira (03)	Sexta-feira (04)
FERIADO	**FERIADO**	- Escrever o capítulo "Linguagem do jornalismo científico" do manual ✅	- Escrever o capítulo "Linguagem do jornalismo científico" do manual ✅	

Segunda-feira (07)	Terça-feira (08)	Quarta-feira (09)	Quinta-feira (10)	Sexta-feira (11)
- Enviar perguntas para os entrevistados ✅	- Escrever o capítulo "Entendendo a ciência" do manual ✅	- Escrever o capítulo "Entendendo a ciência" do manual ✅	- Escrever o capítulo "Como ler um artigo científico do manual" ✅	-- Escrever o capítulo "Como ler um artigo científico do manual" ✅

Segunda-feira (14)	Terça-feira (15)	Quarta-feira (16)	Quinta-feira (17)	Sexta-feira (18)
- Escrever o capítulo "Escolha das fontes" do manual ✅	- Escrever o capítulo "Escolha das fontes" do manual ✅	- Escrever o capítulo "Escolha das fontes" do manual ✅	- Revisão dos capítulos ✅	- Entrevista com o Bruno 16h ✅ - Transcrever entrevista ✅

Apêndice D - Orçamento

Livro "Jornalismo Científico": R$ 19,90

Livro "Como escrever bem": R$ 44,91

Manual de redação da Folha: R$ 89,90

Ilustração para a capa do manual: R$ 200

Assinatura do "Canva Pro" para a diagramação: R$ 34,90

Total: R$ 389,61